REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 341

11 DE JUNHO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os proverbios, apesar da fama universal de que gosam, nem sempre fallam verdade.

Por exemplo, ha um que foi apanhado agora em flagrante mentira em Lisboa: é o que diz «que o melhor das festas é esperar por ellas.»

A *kermesse* da Junqueira fel-o ficar com a cara a uma banda.

Esperar por essa festa não foi mau para ninguem, foi mesmo agradabilissimo para muita gente, para aquellas gentis senhoras que passaram muitos serões alegres, em joviaes e elegantes partidas, embrulhando sortes e preparando premios para a *kermesse;* mas inegavelmente o melhor d'essa festa não foi o esperar por ella; que o digam as pessoas que passaram as deliciosas noites de sexta, sabbado, domingo e terça feira nos jardins encantados do palacio do conde de Burnay, que o digam as pobres creanças doentes a quem as esmolas avultadissimas que a caridade, a elegancia e a moda lhes deitaram no regaço, vão dar o conforto, matar a fome e restituir a saude.

A *kermesse* organisada e presidida por sua alteza real a sr.ª duqueza de Bragança foi mais que uma festa real, foi uma festa santa.

O producto total da venda das flores, da venda das sortes, do leilão e do botequim, foi avultadissimo.

Que me importa a mim saber quem foi que deu para alli maiores parcellas, se foi a caridade ou a ostentação, se a philantropia, se o luxo, se o amor de Deus, se o amor do proximo, se o amor proprio.

O que sei é que, viesse d'onde viesse, esse dinheiro veiu todo correr para o mesmo fim o

O COMMENDADOR LUIZ MARIA DE CARVALHO, CONEGO DA SÉ DE LOANDA E OS SEUS DISCIPULOS AFRICANOS.

(Segundo uma photographia de Moraes)

que sei é que, embora não fosse dado com os olhos em Deus, vae parar ás mãos do pobre, o que sei é que passando pelas mãos piedosas d'uma gentil e virtuosa princeza, esse oiro fosse qual fosse a sua proveniencia, viesse da vaidade ou da caridade, se transformou n'essa coisa santa, boa, util e abençoada, que se chama esmola.

E basta-nos isso para que nós applaudamos vivamente a *kermesse* da Junqueira e a sua illustre e caridosa iniciadora.

Essa *kermesse* foi uma festa brilhante? Quem lá esteve divertiu-se immenso? Tanto melhor. Isso quer dizer positivamente que a *kermesse* satisfez completamente o seu duplo fim — soccorrer os pobres divertindo os ricos, ser ao mesmo tempo uma boa festa e uma boa acção.

Durante os quatro dias que durou a *kermesse* houve sempre grande concorrencia, e em que collaboraram fraternalmente todas as classes sociaes, com muito boa vontade e muito bom humor.

As esplendidas noites do nosso verão, que ao principio esteve muito quente, mas agora refrescou, arranjando-nos uma temperatura muito agradavel, concorreram muito... para essa concorrencia.

Os jardins do palacio Burnay, uns jardins espaçosos e elegantissimos, muito bem e artisticamente illuminados, davam gosto de lá se estar n'essas noites.

E depois a animação, a boa companhia, a boa musica, os magnificos refrescos, que na barraca restaurant serviam gentilmente graciosas donzellas da nossa mais brilhante sociedade, tudo isso tornaram as noites da *kermesse* extremamente agradaveis.

Entre esses refrescos servidos fez pela primeira vez a sua entrada no High-life lisboeta uma bebida nova baptisada com o nome de *rego-cap*.

A novidade fez um grande successo a esse refresco, mas diga-se em abono d'elle e da justiça, que não foi só á novidade que elle deveu esse notavel exito, foi tambem aos seus merecimentos pessoaes.

O *rego-cap* é um refresco composto de champagne, morangos inteiros, gomos de laranja, assucar e gelo e não é necessario tomal-o para comprehender o que deve haver de agradavel n'esta bem combinada collaboração.

Na *kermesse* houve rasgos de bizarria verdadeiramente fidalgos e que fizeram alvoroço em Lisboa.

Por exemplo, o sr. conde de Franco, um riquissimo banqueiro, muito conhecido pela sua bizarria, pelo seu elevado gosto artistico, e pelo bom tom e distincção com que sabe galardoar principescamente todas as grandes manifestações artisticas que fulguram na nossa terra, comprou uma roza a sua alteza a princeza D. Amelia por um conto e oitocentos, uma roza á sr.ª duqueza de Palmella por duzentas libras, e pagou um copo de champagne, que lhe foi servido por uma das filhas do sr. conde de Burnay, com cem mil réis.

E querendo sempre mostrar o alto tom artistico que preside sempre ás suas generosidades de nababo, o sr. conde de Franco deu o cheque de 1:800$000 a sua alteza, dentro d'uma formoza carteira que tinha em brilhantes a firma e a corôa ducal da princeza D. Amelia.

Resumindo, a *kermesse* foi uma festa brilhantissima que correspondeu deslumbrantemente ao seu fim, e pelo qual devem chover sobre a formoza cabeça da gentil princeza, sua iniciadora, as bençãos das creancinhas para quem a esmola é, e as bençãos d'aquelles que a deram, divertindo-se tanto, a quem sua alteza real torneceu bilhetes d'entrada no Eden com correspondencia pelos jardins paradisiacos da Junqueira.

A outra festa grande que annunciamos na nossa ultima chronica realisou-se tambem no dia 7 do corrente — A Inauguração da Exposição Industrial e agricola, na Avenida.

A inauguração foi muito cedo, ás 9 horas da manhã, com a comparencia d'El-Rei.

As melhoras de sua magestade teem sido, felizmente, enormes, e o querido soberano dos portuguezes acha-se quasi restituido á boa saude que d'antes gozava.

A sua apparencia é excellente e foi isto que com muita alegria constatou toda a gente, na festa da Junqueira, onde sua magestade esteve e na inauguração da exposição, onde sua magestade pronunciou com voz firme e sã um bello e rapido discurso.

E n'ambas as partes o publico manifestou o seu sincero contentamento pelas melhoras do seu estimado rei, saudando-o com enthusiasticas exclamações.

Ainda não tivemos occasião de visitar a exposição industrial e agricola; entretanto as informações que temos dizem-nos que essa exposição, que promette ser interessantissima, está ainda muito longe de concluida.

O grande edificio da Avenida ainda em muitas partes está em osso, apesar de n'estes ultimos dias se ter trabalhado activamente.

A illuminação a luz electrica, que segundo se diz se deve estender a toda a Avenida, ainda não passa do recinto da exposição: o resto da Avenida continua mergulhado nas trevas do gaz municipal, e isso concorre muitissimo para o pouco effeito, que por emquanto faz á noite o palacio da exposição, que aliaz é bonito e elegante.

Como dissemos tambem na nossa ultima chronica, inaugurou no principio do mez os seus espectaculos a nova empreza do theatro da Avenida, sob a direcção do sr. Sousa Bastos, auctor dramatico e emprezario theatral muito conhecido, pelo seu talento e pela sua alta competencia em assumptos theatraes.

A empreza inaugurou os seus espectaculos com o celebre vaudeville de Millaud e Najac *Mam'zelle Nitouche*, que em Lisboa tem tido uma carreira triumphal.

A *Nitouche* e a *Sociedade onde a gente se aborrece* são as duas peças que n'estes ultimos tempos maior successo tem alcançado entre nós.

A *Nitouche* caminha rapidamente para a sua 200.ª representação, o que em theatros portuguezes é perfeitamente um facto excepcional.

No theatro da Avenida a *Nitouche* foi representada por quasi todos os artistas que a tinham creado no theatro dos Recreios, Joaquim d'Almeida, no papel de organista, em que é magistral, Mello no do Major, Guilhermina Macedo no de Abbadessa, Pinheiro no de emprezario, e Lima no de contraregra.

A grande novidade do famoso vaudeville na Avenida era o papel de Nitouche que pela primeira vez era feito entre nós pela actriz Pepa.

Pepa é uma artista de muito talento, muito elegante, muito graciosa e que tem perfeitamente a linha d'uma actriz franceza.

Desempenhou o papel de Nitouche excellentemente: a sua voz é hoje muito mais volumosa do que quando partiu para o Brazil, no seu jogo de scena ha progressos notaveis a realçarem a brilhante vocação artistica que tão rapidamente a pôz em evidencia entre nós.

O theatro tem sido muito concorrido e Pepa todas as noutes tem repetidas e calorosas ovações.

A companhia é excellente: alem dos artistas que já citamos e que são muito conhecidos e applaudidos do publico, figuram n'ella mais o distincto actor Diniz, a actriz Laura Godinho, uma formosa rapariguinha de 17 annos, que tem decidida vocação para a scena, a actriz Alzira Sampaio, que fez parte no anno passado da companhia do Gymnasio, o filho do actor Joaquim d'Almeida, que fez bem o visconde de Champlatreux, e espera do Brazil dois artistas notaveis, que devem cá chegar por estes mezes, um tenor hespanhol que tem excellente voz, e o grande actor comico italiano Ficarra, que em tempo teve grande successo em Lisboa na companhia d'opera comica da Frigerio, e que hoje falla já excellentemente o portuguez.

E esta companhia e a direcção artistica de Sousa Bastos garantem uma explendida epocha ao theatro da Avenida.

A Trindade deu-nos no dia 7 uma peça nova — A *Cigarra*, de Meilhac e Halevy, transformada em vaudeville pelos srs. Accacio Antunes e Machado Corrêa, com musica do maestro Gazul.

Ainda não assistimos a nenhuma representação d'essa engraçada comedia, que teve grande *successo;* apenas assistimos a dois actos no ensaio geral, o que nos habilita a registar a maneira verdadeiramente superior como Lucinda do Carmo desempenha o papel da Cigarra.

No ensaio geral pareceu-nos notabilissima n'esse papel a talentosa actriz, e a prova de que não nos enganamos é a grande ovação, que segundo nos dizem, o publico lhe fez na primeira noite da Cigarra, e que se repete todas as noites que a peça vae á scena.

Entretanto veremos e contaremos.

Gervasio Lobato.

O COMMENDADOR LUIZ MARIA DE CARVALHO

CONEGO DA SÉ DE LOANDA

E OS SEUS JOVENS DISCIPULOS AFRICANOS

Sympathico grupo o que apresenta essa gravura, e insinuante a sua breve mas eloquente historia, em que avulta como protogonista, conquistando mil applausos e louvores, um sacerdote dignissimo.

Vamos, a ligeiros traços, referil-a.

Esses quatorze rapazitos pretos fôram pelo benemerito conego Carvalho resgatados da escravidão e do obscurantismo selvagem nos sertões de Angola.

Vestiu-os, dá-lhes o pão, agasalha-os sob o tecto de sua casa, instrue-os, educa-os o caridoso presbytero; lembrando-se um dia de lhes ensinar musica, de os constituir em uma graciosa fanfarra, que não tardará muito que ouçamos tocar em Loanda, a apreciar o proveito da applicação intelligente dos discipulos e a admiravel dedicação tão perseverante do mestre, do bemfeitor!

Nas horas feriadas de trabalho do seu mister evangelico, o bondoso conego agrupa estes seus protegidos e lecciona-os; e é certo que a habilidade do mestre, pelo seu apropriado methodo de ensino, pela extrema paciencia com que explica, conseguiu já pôr em plena evidencia a sagacidade, a penetração, a excellente memoria de muitos d'esses rapazitos, como tivemos occasião de presenciar; sendo surprehendente como, em breve tempo, de boçaes, analphabetos que eram, sabendo apenas a sua lingua natal, — se exhibem comprehendendo e fallando o portuguez, acolytando a missa no latim ritual, correctamente, desembaraçadamente; lendo as notas de musica na clave, e ferindo-as nos instrumentos, embora em exercicios por ora rudimentares, de bôa embocadura, obedecendo ao compasso, que vão marcando a si proprios, e sustentando os sons com a firmeza e o rigor compativeis com a sua edade.

Realmente um prodigio de adiantamento, — o que revelam estes pretinhos, que ahi estão na gravura alinhados, quietos n'aquella gravidade interessante com que sobraçam os instrumentos, — disciplinados como uma banda regimental debaixo de fórma, em parada militar!

E ao fundo, erecta na sua compostura respeitavel, a figura sympathica do illustre conego Carvalho a ornar-lhe o peito do seu habito talar a commenda da ordem de N. S. da Conceição, que sobre coração mais bemfazejo não poderia El-Rei collocar!

Deixêmos agora as referencias aos jovens musicos africanos, com os quaes pretendemos, em toda a singeleza d'estes apontamentos, por assim dizer, elucidar a gravura, — que é copia de uma photographia original de José Augusto de Moraes, explendida como todas as d'este artista intelligente, e já tão conhecido hoje na Europa e na America pelas suas bellas paysagens e retratos, de que é hoje já avultada e preciosa a collecção, — representando panoramas, do littoral e sertões de Angola, e grupos de indigenas nos seus costumes nativos, *d'après nature;* e registremos umas palavras a respeito do reverendo conego commendador Luiz Maria de Carvalho

*
* *

Conhecêmol-o ha cêrca de vinte e cinco annos. Seu constante amigo, e, assim, dos mais antigos, — nem por isso nos deslumbra o affecto, para definir a sua individualidade, conceituando-o com um caracter nobre, no amplo significado d'esta palavra; um ministro da Egreja muito respeitavel, um homem de bem, um amigo prestimoso, — um coração de ouro.

Que o digam comnosco centenares de pessoas, que de ha muito em Angola conhecem o popularissimo parocho, — popularissimo como nunca soubémos de outro. E a popularidade não se captiva e se mantêm durante longos annos, senão por acções em que frisantemente se accentúem as inspirações de uma alma boa, de uma consciencia sã, — sobre tudo quando se trata de um sacerdote, de quem tanto se exige como devendo ser o exemplar da caridade em todas as suas santas manifestações, — em todos os dias, a cada momento, — nos transes os mais dolorosos e difficeis, em que intervêm, na sua augusta magestade, — a consolar infortunios, a mitigar soffrimentos, a derramar, emfim, balsamos sua-

vissimos, lenitivos de agonias, de tribulações as mais desconfortantes,— o ministro de Deus.

E tem sido a comprehensão nitida, a practica constante d'essa sacrosanta missão na terra, que são hoje o brazão nobilitante do conego Luiz Maria de Carvalho—a aureola que illumina os explendores de affectos e de admirações, tão numerosos, a personalidade d'este bemquisto sacerdote.

*

* *

Como alumno interno, entrára nos ultimos dias de setembro de 1854 no seminario patriarchal de Santarem, Luiz Maria de Carvalho; e, sob proposta do Ex.mo Bispo de Angola D. Manuel de Santa Rita e Barros, foi nomeado e apresentado, por decreto de 30 de outubro de 1860, capellão cantor de Sé cathedral de Loanda.

Nomeado pela portaria do governo geral da provincia de 1 de maio de 1865 professor de canto ecclesiastico do seminario diocesano, exerceu lonvavelmente este cargo até 1867, seguindo então para o reino a receber ordens sacras.

O decreto de 18 de fevereiro de 1867 nomeiou-o parocho da freguezia de S. José de Calumbo, e a 27 de julho seguinte era-lhe conferida a collação.

Poucos mezes, porém, permittiu a adversidade do clima que o cura zeloso se demorasse alli, —como foi reconhecido e attestado por medicos.

Depois, por provisão do governo do Bispado de 23 de maio de 1868, foi escolhido para ir missionar nos concelhos sertanejos do Alto Dande, Barra do Dande, Libongo, Liolo e Bengo, e Lenza do Golumgo, sendo mais tarde collocado na primeira d'essas localidades, e servindo sempre a contento e com a confiança dos seus superiores hierarchicos, e a bemquerença dos povos a quem prodigalisava todos os beneficios salutares da sua espinhosa missão evangelica.

Carecido o concelho do Golumgo alto, um dos mais populosos e importantes da provincia,—e onde talvez mais de que em todos os outros o povo era mais religioso, porque ahi se conservava ainda bem evidente a influencia catholica que tanto custou ás antigas missões italianas implantar, pela fé e pela crença,—foi escolhido Luiz Maria de Carvalho pela sua competencia bastante provada para ir continuar alli a obra christã dos nossos maiores; e desde logo a provisão do Bispado de 18 de julho de 1870 o nomeiava parocho do Golumgo,—logar em que foi confirmado pelo decreto de 8 de março de 1872.

Deu-se a desastrosa sublevação do Dembos e outros povos d'além Lenza; e, achando-se no Golumgo alto Luiz Maria de Carvalho,—com todo o enthusiasmo do desprendimento de seu espirito, em que palpitavam, por egual vehementes, as qualidades de bom ecclesiastico e de bom cidadão,—vendo claro que alli não ha antagonismos, —ao contrario, se conciliam nos mais alevantados peitos, em um dado momento arvorando-se o lemma de «*pela religião e pela patria*»,—seguiu o infatigavel missionario patriota uma columna de operações contra os rebeldes, e o prestigio da sua presença, da sua palavra, e dos seus actos,—revelou em Carvalho, n'esta phase extraordinaria e critica, merecimentos notaveis. E tanto assim succedeu, como dizemos,—que, chegando ao conhecimento do governo de sua magestade a noticia dos serviços relevantes então prestados pelo benemerito parocho como capellão da força expedicionaria em guerra com aquelles revoltosos,—o decreto de 10 de abril de 1873 lhe concedeu, em premio, as honras de conego da Sé de Loanda.

Deixando de si memoria honrada e querida no Golumgo alto o Conego Carvalho, voltou a Loanda, e por decreto de 10 de setembro foi agraciado com a nomeiação, e em 16 de dezembro de 1877 com a collação no vicariato da freguezia de N. S. dos Remedios,—a mais importante da capital angolense.

De então, e até hoje, o conego Luiz Maria de Carvalho grangeiou, e grangeia mais em cada dia a affeição, o reconhecimento, o applauso e o louvor, dos habitantes de Loanda. Já dissémos porque.

Ninguem como elle tem com devoção maior cooperado, sempre com ardor e sinceridade, em todas as iniciativas, quando nas egrejas da cidade ha festividades, a que elle sabe dar todo o explendor, o que lhe tem custado fadigas e sacrificios;—ninguem como elle. Confirmam-o dezenas de noticias, de artigos, de discripções, em que no primeiro plano se lê constantemente, e com elogio, o nome de Luiz Maria,—que assim diz, referindo-se a elle, o popularissimo vigario,—todo o povo de Loanda desde o mais rude preto indigena,—que por elle teem todos a fascinação da estima e do respeito,—que todos o acolhem e ouvem o seu conselho prudente.

Ultimamente e sob proposta do Venerando Prelado de Angola e Congo, o Ex.mo Sr. D. Antonio Thomaz da Silva Leitão de Castro, ao governo de sua magestade, foi condecorado o conego Carvalho com a commenda da ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa:—mercê do apreço régio aos seus relevantes serviços de 23 annos em Angola.

Eis uns breves apontamentos biographicos que, em toda a sua singeleza, dizem com verdade como se impõe brilhantemente pelos seus meritos o conego da Sé de Loanda, Commendador Luiz Maria de Carvalho. Honra lhe seja, que a ella tem indiscutivel direito!

F. S. F.

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRAZIL

O seculo XIX, este seculo de progresso e de luz, este seculo em que a humanidade tem conquistado todos os direitos que lhe andavam sequestrados pelo direito da força e pelo obscurantismo, acaba de alcançar mais uma victoria, que não é a menor das suas conquistas, mas a mais humanitaria, a mais racional, a mais gloriosa—a libertação dos escravos no Brazil.

Essa monstruosidade, que empanava o brilho do grande imperio americano, desappareceu finalmente, fulminada pela lei de 13 de maio do corrente anno, approvada pelo parlamento brazileiro e assignada pela princeza imperial regente D. Izabel—a abolição da escravatura em todo o imperio brazileiro.

D'aquella data em diante deixaram de existir escravos no Brazil. No mundo christão triumphou completamente a sublime doutrina de Jesus, que ha dezenove seculos disse á humanidade: sois todos irmãos e amai-vos uns aos outros.

Quanto esforço foi preciso para fazer triumphar esta causa justa, dizem-n'o os egoismos que foi mister combater, dizem-n'o as grandes luctas travadas na imprensa e no parlamento brazileiros, até que engrossasse a onda abolicionista e se extremassem os dois partidos que hoje se mediam no Brazil, os abolicionistas e os esclavigistas.

Desde 1871 é que se póde dizer principiou a agitar-se a idéa emancipadora e a ferir-se a grande lucta entre os dois partidos que se formaram; um, dos que punham a liberdade acima de tudo; outro dos que defendiam os interesses materiaes que viam ameaçados; mas a idéa generosa, nobre e christã, levantada no parlamento pelo visconde de Rio Branco, havia de sahir victoriosa d'essa batalha, em que á voz eloquente do grande estadista brazileiro se juntavam as vozes de João Alfredo, de Joaquim Nabuco, de Prado, de Rodrigo da Silva, de Dantas e outros que engrossavam a phalange abolicionista, que d'aquelle momento em diante principiava a crescer a olhos vistos.

A grande idéa redemptora dava um golpe profundo na escravidão com a lei de 29 de setembro de 1871, que fazia, desde aquelle momento, livres todos os filhos que nascessem de escravos, e que libertava todos os escravos do Estado.

Esta lei fôra elaborada pelo visconde de Rio Branco, então presidente do ministerio, e firmada pela princeza imperial regente D. Izabel, a mesma que acaba de referendar o decreto da abolição completa da escravatura na America.

Principiou então no Brazil uma forte propaganda abolicionista. Na imprensa e nos comicios levantavam-se as vozes generosas de Joaquim Nabuco, Ferreira d'Araujo, José do Patrocinio, Joaquim Serra, Theodoreto Souto, Ferreira de Menezes e tantos outros que pugnavam pela liberdade dos escravos. Por todo o imperio criavam-se sociedades abolicionistas, que com os seus fundos e a sua influencia iam resgatando centenas de escravos. A idéa emancipadora fazia taes progressos, que muitos senhores reconheciam o direito de liberdade dos seus escravos e generosamente os libertavam, outros deixavam em seus testamentos determinada a alforria para os seus captivos servidores, e é assim que mais de um milhão e meio de escravos que existiam á data da promulgação da primeira lei libertadora, se achava reduzido a meio milhão quando appareceu o ultimo decreto da abolição geral.

Este milhão de resgatados representa muito approximadamente o valor de trinta mil contos fortes sacrificados á generosa idéa, não contando com os nascimentos dos filhos dos escravos, que por aquella lei eram livres.

Por isto se póde bem avaliar qual era a força do grande partido abolicionista que acaba de vencer a sua santa causa, e quanto este facto honra o Brazil, onde os partidarios da escravatura se reduziram a uma pequena parcialidade, e essa mesma, por ventura, mais pelo receio do desiquilibrio economico que a abolição da escravatura produzirá no Brazil, que pela deshumanidade ou desprezo pela raça negra.

Temos para nós que a nenhum dos partidarios da escravatura, em pleno seculo XIX, repugnava no intimo, a idéa de liberdade para os escravos, e que toda a opposição que faziam a essa idéa só se basiava na defeza da propriedade, que as leis lhe garantiam, e á sombra das quaes tinham empregado o seu capital.

Se o governo podésse indemnisar uma boa parte, do prejuizo que a abolição da escravatura trazia ao capital, cremos firmemente que nenhuma voz se levantaria contra a abolição, porque isso importaria negar todos os progressos do nosso seculo, todas as liberdades que se tem conquistado

Mas o Brazil não podia soffrer por mais tempo essa vergonha que aniquilava toda a sua civilisação, e por isso a idea abolicionista tornára-se uma questão de vida ou de morte, de encontro á qual se quebravam todas as forças opposicionistas, que dia a dia enfraqueciam e se submettiam á opinião geral, contra que era já impossivel luctar.

Foram dezesete annos de campanha, em que se não mediram as forças do corpo, mas as da alma, em que não se buscaram os artificios da guerra, mas as maravilhas do espirito, em que não se oppôz a força dos canhões, mas o poder da razão e da logica, e sem se ferir, sem se derramar sangue nem se espalhar o luto, chegou-se ao termo d'essa campanha coberto de flôres, de gloria, triumphante da idéa redemptora, sem ter que enchugar as lagrimas da viuvez ou da orphandade, mas entre um côro de alegrias e de applausos enthusiasticos, que, desprendidos da grande America, vieram echoar na Europa, na humanidade inteira, que redobrou esses applausos e que saudou fraternalmente o povo brazileiro.

Os heroes d'esta grande lucta são muitos: são todos que concorreram directa e indirectamente para desprender as algemas da escravidão, quer com o esforço da sua palavra propagandista, quer com os seus capitaes. A todos a humanidade deve reconhecimento: os libertos, pela escravidão de que sahiram; os que eram livres, pelo opprobrio de que se lavaram resgatando os seus irmãos.

Quizeramos aqui estampar os retratos de todos esses heroes, se isso fôra possivel, quizeramos mesmo honrar as paginas do OCCIDENTE com as effigies dos que mais se destinguiram na lucta, mas são ainda muitos e não podemos obter os seus retratos, por isso limitamo-nos áquelles que alcançámos, e digamos d'elles, em poucas palavras, o muito que a historia resará depois, quando lhes consignar o nome nas suas paginas mais gloriosas.

Estava reservado á neta do rei libertador o ligar o seu nome á explendida aurora redemptora que illuminaria o grande imperio livre. A filha do primeiro imperador liberal o dar o ultimo traço no codigo livre, que de um extremo ao outro da America levaria a emancipação á raça negra.

Teve essa grande fortuna a princeza Izabel, que n'este momento preside aos destinos do Brazil, na ausencia de seu pae que viaja na Europa em procura de remedio para a sua saude deteriorada; mas se o velho imperador não poude assignar a lei libertadora, nem por isso deixa de tomar parte no grande feito, que o seu espirito liberal de ha muito meditava e reconhecia como uma necessidade inadiavel.

A sua alma trasborda de jubilo ao saber, longe da patria, que a regencia da princeza Izabel acabava de se illustrar com aquella gloria immorredoura, e no seu coração de pae sente o estremecimento dulcissimo de vêr assignalado o governo de sua filha por tão faustoso acontecimento, que povoa de alegrias o inverno da sua vida.

A princeza Izabel, ligando o seu nome á lei libertadora, firmou mais o throno imperial da grande America, e mostrou aos brazileiros e ao mundo que hoje as testas coroadas já não são um obstaculo ás idéas de liderdade, já não são um jugo, mas apenas uma fórmula governativa que faz causa commum com as justas aspirações dos governados.

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRASIL

O CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO
Presidente do Ministerio Brasileiro

SUA ALTEZA A PRINCEZA IMPERIAL D. IZABEL
Regente do Brasil

JOAQUIM NABUCO

DR. TEIXEIRA D'ARAUJO

VISCONDE DO RIO BRANCO

JOSÉ DO PATROCINIO

Quem estiver sob o jugo, que se liberte; e se não se liberta, é porque se sente bem assim.

Os caudilhos da libertação foram depositar nas mãos de uma mulher o seu triumpho, e ella recebeu-os com o sorriso nos labios, no seu gabinete perfumado de flôres, e completou esse triumpho inscrevendo pressurosa o seu nome na lei redemptora, que vinha dar o direito de cidadãos a meio milhão de escravos do seu paiz, como já tinha dado ás mães a liberdade de seus filhos.

Um facto d'estes é bastante para illustrar uma vida, para affirmar os dotes de uma alma generosa, que tem a justa comprehensão da liberdade, fonte de todos os progressos, sol fecundo que anima e desenvolve a humanidade na sua grande obra de amor e felicidade reciproca.

João Alfredo, o ministro liberal, que collaborou com o visconde de Rio Branco na primeira lei libertadora de 1871, é hoje no seu paiz um dos politicos mais populares, a quem os brazileiros reconhecem como um dos maiores luctadores da grande causa e um dos seus estadistas mais talentosos, de quem o Brazil tem muito a esperar.

É o presidente do actual gabinete, elevado ao poder pelo partido liberal, em lucta com o partido conservador, ao qual, entretanto, se deve a lei de 28 de setembro de 1885, que deu a alforria aos escravos maiores de sessenta annos de edade.

Partidario strenuo do abolicionismo, o conselheiro João Alfredo teve a ventura de fazer triumphar a idea do seu partido, levando ao parlamento o decreto da abolição, defendendo-o com a energia da sua palavra dos poucos impugnadores que o atacavam, e dando ao governo, de que elle é presidente, a gloria de ha muito ambicionada, de converter em lei o que até ali era uma aspiração generosa de grande parte do povo brazileiro.

Mais feliz que o visconde do Rio Branco, poude vêr o seu triumpho, completar a sua obra.

O visconde de Rio Branco não teve esse goso. A morte arrebatou-o cruelmente d'entre os seus companheiros da lucta, mas nem por isso o seu nome é hoje esquecido, não o será nunca; e ha dezesete annos que as mães o bem dizem, essas mães que até então não tinham direito algum sobre os seus filhos, nem o de conservarem junto a si esses pedaços do seu ser, da sua alma, logo que lh'os quizessem levar, arrancar-lh'os dos braços com a mesma indifferença com que lhe tiravam as vestes para lhes açoitarem o corpo, como lhes despedaçavam a alma roubando-lhes os filhos das suas entranhas.

Foram estes horrores que o visconde do Rio Branco fez desapparecer de sobre o solo brazileiro. Abençoada seja a sua memoria, e que as alegrias d'essas mães resgatadas, echoem até áquelle mundo de espiritos, onde devem viver as grandes almas como a do visconde de Rio Branco.

Joaquim Nabuco é outro luctador que encontramos na arena, um combatente valoroso que não cansa, que ao prestigio do nome herdado junta os esplendores do seu talento, que mais ainda o engrandece combatendo pela causa que fez d'elle um benemerito da humanidade.

A sua voz eloquente sôa no parlamento em defeza do humilde escravo, do parlamento vae ás assembléas populares, onde José do Patrocinio prega o abolicionismo com o calor de quem defende o direito da sua raça, com o talento e o vigor da convicção firme e sincera de uma idéa justa e necessaria.

Os propagandistas da santa causa, á similhança dos primeiros apostolos do christianismo, desprezam os insultos com que muitos os recebem, as intrigas com que os pretendem desgostar, as ameaças até com que os querem intimidar, e seguem ávante na sua missão civilisadora e humanitaria, guiados pela justiça da sua causa, animados pelo amor da humanidade.

São assim os dois vultos que se elevam pela palavra e pela escripta, nas assembléas e na imprensa brazileira, Joaquim Nabuco e José do Patrocinio, e estes luctadores são secundados e seguidos por outros, entre os quaes se distingue tambem Ferreira d'Araujo, na *Gazeta de Noticias* por elle fundada, e nas columnas da qual advoga com todo o vigor a causa da emancipação.

Foram estas forças reunidas que derruiram a velha lei escravisadora, que fizeram soar as grandes tubas de prata annunciando ao mundo que no orbe christão já não ha escravos, e se o Brazil foi o ultimo a libertal-os resta-lhe a gloria de o ter feito sem derramar o sangue de seus irmãos, sem que as suas vastas campinas se alastrassem de cadaveres, como aconteceu na America do Norte.

O sangue dos vencidos não salpicou a alva bandeira dos vencedores. O nosso seculo tem d'estas conquistas!

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

RUINAS DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA EM COIMBRA

É dos monumentos mais historicamente notaveis o velho mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, de ha muito cahido em ruina, em virtude das aguas e areias do Mondego, que lhe está proximo, o terem-n'o invadido, soterrando-o cada vez mais em suas areias.

Foi o velho mosteiro mandado edificar por D. Maior Dias, religiosa do mosteiro de S. João das Donas, mas não professa. Os conegos, porém, de Santa Cruz oppozeram-se a que D. Maior mandasse edificar aquelle mosteiro e que o dotasse com os seus bens, pela razão de ella ser Dona professa e não poder dispor do que lhe pertencia em favor de outra ordem.

Isto deu logar a uma demanda que durou muitos annos e á qual poz termo a rainha D. Izabel *a santa*, intervindo na questão em favor das religiosas de Santa Clara.

Apesar, porém, da intervenção da santa princeza, os conegos de Santa Cruz não cederam por completo, mas apenas concederam ao mosteiro uma pequena parte dos bens com que a sua fundadora o quizera dotar.

A rainha D. Izabel dotou, então, mais largamente a ordem, e fez grandes augmentos no mosteiro, reedificando a egreja com maior grandeza, accrescentando-lhe tambem um hospital, que dedicou a Santa Izabel da Hungria, além dos seus paços junto do mesmo mosteiro.

Por fallecimento de el-rei D. Diniz, seu esposo, alli se recolheu a Santa Rainha e lá terminou seus dias, sendo sepultada no mosteiro.

Assim como a rainha, muitas outras damas illustres alli tiveram sepultura, incluindo a cantada Ignez de Castro, que depois foi para Alcobaça.

Se fossemos referir todos os factos historicos que andam ligados ao velho mosteiro, teriamos de encher muitas columnas, para que nos falta espaço.

O antigo mosteiro de Santa Clara foi abandonado por completo em 29 de outubro de 1677, em consequencia da sua ruina não permittir por mais tempo que ali vivessem as religiosas, passando n'esse dia para o novo mosteiro, ainda em construcção, e mandado edificar por el-rei D. João IV.

Desde aquelle dia ficou entregue á ruina o antigo mosteiro que fôra abrigo de tantas virtudes, monumento de uma rainha santa, e onde por mais de uma vez echoára a voz auctorisada de Bartholomeu dos Martyres, o santo arcebispo de Braga.

Cada dia que passa mais e mais cresce a ruina, e antes que de todo desapparecesse o respeitavel monumento, tirou d'elle uma photographia o sr. Eduardo José Coelho Junior, photographo amador muito distincto, e que nos obsequiou com um exemplar, que reproduzimos em gravura.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES NO ATHENEU COMMERCIAL

(CONCLUSÃO)

O primeiro quadro de Marques Guimarães, que figura na lista das suas remessas á exposição actual, é o esboceto «Partida de Vasco da Gama para a India», e que está ainda em Lisboa. A sua reproducção acha-se porém no catalogo.

Muito se tem fallado do concurso de que esse quadro fez parte, mas a verdade ainda não foi exposta na sua plenitude, parecendo-nos por isso que não serão descabidas n'este logar as considerações que o caso nos sugere.

Pondo de parte o louvor que merece a camara municipal de Lisboa pelas suas intenções patrioticas de animar e desenvolver a arte nacional, diremos em primeiro logar que foi realmente singular a sua ideia de abrir um concurso para a pintura de um quadro, por meio de esbocetos.

O facto é unico, segundo nos parece, nos annaes da arte e por este estranho conselho dado á municipalidade lisbonense, prova-se mais uma vez que entre nós, quando queremos tornar-nos originaes, cahimos quasi sempre na tolice e no ridiculo.

Pois que significa, ou que resultados póde dar um concurso para a pintura de um quadro, por meio de esbocetos?

Pois o esboceto, quando mesmo bem feito, é garantia incontestavel da boa execução do trabalho definitivo?

Esses simples delineamentos lançados em um pedaço de tela pelo artista, no primeiro impeto da sua imaginação, por meio de pinceladas rapidas e confusas, poderão certificar, a menos que o pintor não tenha já provado a sua alta competencia e merito, que o trabalho virá a ser um primor de desenho e de collorido?

Que jury de um concurso d'essa natureza seria capaz de affirmar de um modo positivo que o esboceto que peior impressionasse, não viesse a tornar-se o quadro melhor executado, dada uma quasi igualdade de competencia entre os concorrentes?

Objectar-nos-hão por exemplo que no esboceto trata-se apenas de apreciar os meritos de composição e as qualidades de colorido e que o que melhor apresentasse esses requisitos ser o preferido, pela segurança que por esse modo dava da excellencia do trabalho futuro. Puro engano.

O esboceto é o estudo intimo, secreto, do artista, só comprehendido por elle, porque na concepção rapida da sua ideia, traduzida momentaneamente pelos traços confusos do lapis ou pelas manchas do seu pincel, nem mesmo muitas vezes os proprios collegas de *métier* podem penetrar.

Depois vem a reflexão, o estudo mais detido, os modelos, e o pintor então altera, modifica e aperfeiçoa a sua composição, de que o *esquisse* se torna ordinariamente mera reminiscencia pelas transicções porque passou.

A camara municipal, como que para dar testemunho da imparcialidade com que desejava usar, expoz á curiosidade do publico os esbocetos do concurso. Mas em verdade, que juizo havia a esperar de um publico, que não tendo educação alguma artistica, se encontrava perante umas *pochades*, que não sabia vêr nem comprehender?

Esse publico riu com a gargalhada inconsciente da ignorancia, riu a camara por sua vez, a imprensa troçou e a critica séria e competente absteve-se, receiando talvez, que tambem se rissem d'ella.

Pobres rapazes, que na sua sinceridade honesta e no seu enthusiasmo de artistas, foram assim expostos no pelourinho da mais triste irisão!

Não conheceram o perigo para que os impelliam, e cegamente ingenuos lá correram a procurar um pouco de trabalho e de gloria, onde os esperavam o motejo mais desanimador e a indifferença mais cruel. Os experimentados, esses perceberam de relance a especie de armadilha que se preparava e ficaram tranquillamente nos seus ateliers, porque a verdade é que o publico hade rir sempre quando vir um esboceto, seja elle do pintor mais illustre, a menos que antecipadamente lhe conheça o nome, porque então emudecerá e curvar-se-ha, não pela consciencia da sua apreciação intima, mas porque sabe que passaria por idiota se se atrevesse a rir d'esse nome.

Se em verdade, pois, a municipalidade lisbonense tem desejos de animar a nossa arte, deixe-se de taes concursos e em vez d'isso visite as nossas exposições e compre o que melhor julgar, ou então encommende os quadros que pretende, sem peias nem restricções, aos artistas que pelos seus merecimentos, mais confiança lhe mereçam. É isto o que se faz em toda a parte.

Um outro ponto que se discutiu foi a difficuldade do assumpto, e a este proposito vieram para a baralha da discussão as habilitações dos nossos artistas e a competencia do nosso professorado artistico, appellando-se inclusivamente para a reforma radical por meio da qual fosse introduzido o elemento estrangeiro nas nossas escholas, como o mais proveitoso. Que patuscos estes! Pois ha alguem que acredite, que um artista estrangeiro, já não dizemos de alguma reputação, se sujeite a vir reger uma cadeira em qualquer das nossas Academias de Bellas-Artes, por uns miseros centos de mil reis, deixando o meio activo e laborioso em que vive para se estiolar n'este recanto, onde nem proveito nem gloria obteria?

Appellar para os estrangeiros para que? Para vêrmos as nossas escholas replectas de verdadeiras mediocridades? E não se diga que o nosso ensino artistico está completamente entregue a inhabeis, porque é uma mentira que se profere. Nas escholas de Lisboa e Porto ha professores não só competentes, mas de um merito artistico comprovadissimo.

O erro não procede pois do professorado, mas do modo como está organisado o ensino nas nossas Academias. Reforme-se esse ensino de um modo racional e mais util para os que aprendem, acabe-se com o ronceirismo archaico que predomina n'esses estabelecimentos, modifiquem-se as condições dos concursos para os logares de pensionarios no estrangeiro, e ver-se-ha então se os resultados não são mais proficuos e vantajosos.

O assumpto proposto pela camara de Lisboa era effectivamente difficil de mais para os nossos artistas, que nunca sahiram do paiz. Nem dentro nem fóra das escholas existem elementos que os podessem preparar para tarefa tão ardua e delicada. Além d'isso o genero constitue uma especialidade, e mesmo nos paizes mais artisticamente adiantados, contam-se e notam-se os que a cultivam. A propria antiguidade, na vasta galeria das suas celebridades artisticas, offerece-nos exemplos identicos.

Assim se alguma cousa havia a exigir era unicamente dos nossos pensionistas que vão lá fóra estudar a intitulada «pintura historica». Esses pelo menos, quer em Paris quer em Roma, vivem alguns annos em centros onde se accumulam os subsidios que lhes podem proporcionar um vasto peculio de conhecimentos para os habilitar a tratar com maior competencia e propriedade uma composição da importancia da «Partida de Vasco da Gama».

Mas esses, toda a gente o sabe, desde que alcançam a pensão, do que menos se preoccupam é da «pintura historica».

Em conclusão, n'este malfadado concurso, os que viram e chacotearam dos nossos artistas foram tão injustos como deshumanos.

Levaram-nos mais longe do que desejavamos as considerações que acabamos de fazer, e assim temos de reduzir a apreciação dos trabalhos dos artistas restantes.

Marques Guimarães, absorvido pelo seu quadro do concurso, não se póde apresentar n'esta exposição como desejaria. Ainda assim lá tem algumas das suas deliciosas flores, um quadro com uns pecegos appetitosos, algumas pequenas paizagens, entre as quaes se extremam os «Amieiros na margem do Souza», e um aspecto caracteristico da travessa do Bolhão.

Thomaz Costa, que está estudando esculptura em Pariz, exhibe umas bonitas «Margens do lago de Genebra» e uma paizagem, «Caminho na margem do Oise», muito interessante pelos contrastes de côr, porque sobre um fundo de arvoredo verde-escuro, sobresahem nos primeiros planos, de um lado, uma vegetação verde-claro e do outro, azulada.

A pintura foi a primeira inclinação d'este artista, mas como prova dos seus progressos na esculptura bastará referir que este anno é admittido pela segunda vez no «Salon» de Paris, onde expõe um busto de uma artista da Opera Comica e uma estatua intitulada «Danseur».

O sr. Caetano Moreira da Costa Lima, um dos laureados no concursos da camara de Lisboa, expõe dous estudos de composição: «Os fidalgos portuguezes, reconhecendo o corpo de D. Sebastião em Alcacer-Quibir» e «Uma scena da Revolução de 1640». O primeiro sobreleva o segundo em merito de composição, mas o segundo é melhor em colorido. Dá-se ainda o caso que aquelle parece simultaneamente um esboceto e um quadro acabado, tal foi o modo como o seu author o pintou. A côr é que é geralmente baça, esvaiada, não havendo solidez na pincelada. A figura do imperador é demasiado melodramatica e os cadaveres que jazem a seus pés apresentam a differença ingenua, para o reconhecimento, de um, o de D. Sebastião, ser branco e louro, emquanto que o outro se destaca pela côr escura do africano. Comtudo o conjuncto da composição é harmonioso, o que se não dá no Episodio da Revolução de 1640, em que a assimilação de attitudes é sobre tudo flagrante.

Adolpho Nunes expõe um retrato de creança muito vivo e agradavel de côr.

Antonio Ramalho apresenta dous quadros. Uma excellente marinha, representando o «Molhe norte do porto de Leixões», de uma fidelidade de detalhes photographica e de uma bellissima verdade de tons. Nos primeiros planos o mar espuma por entre os rochedos e ao longe ergue-se o poderoso «Titan». Estamos convencidos de que se a empreza de Leixões tivesse visto este quadro tel-o-hia adquirido.

O outro trabalho intitula-se «Á espera dos retardatarios. Um passeio á Boa Nova». É igualmente uma boa pintura. Perspectiva dilatada e justa, tons muito verdadadeiros de terreno, com os seus variados accidentes, e acertada disposição das figuras, uma das quaes porém, nos parece demasiado pequena para o plano em que está situada, comparada com as dimensões da outra que se acha em sitio mais afastado. Referimo-nos ao homemsinho que desce e que se encontra no primeiro plano.

Custodio da Rocha exhibe entre outros trabalhos de menor importancia, um retrato de senhora, de mais de meio corpo. Ha muita semelhança na physionomia, mas as carnes são de um tom marmoreo, que affasta todo o aspecto de frescura e de palpitação de vida. Em compensação, bem comprehendidos e tratados o vestido de um verde acentuado, as rendas e o grupo de flôres artificiaes.

Os quadros restantes constituem algumas paizagens, um episodio de aldeia intitulado «Faina do campo», e um «Costume de Barroso», que seria muito interessante se a figura fosse de corpo inteiro. O busto da rapariga que traja esse costume desmerece pela falta de relevo da physionomia e mesmo de dezenho.

O sr. A. Silva, illustrador da folha humoristica «Charivari» expõe uma sympathica cabeça de mulher, intitulada «Dolores», mas em que ha fraqueza de colorido. O seu estudo academico «S. Sebastião», tambem se resente d'esse defeito e da dureza de modelação. «Sciencia e cigarros», uma promiscuidade de ossos, uma caveira, livros, cigarros, etc., faz horror já pelo assumpto, já pela onda de óca em que o author banhou tudo aquillo. O sr. Silva é um moço de incontestavel merecimento, mas necessita ainda de estudo perseverante para alcançar, como pintor, o lugar que merece.

O sr. Arthur José de Castro Rocha apresentou um quadro «A hora da sopa», tentativa que não merece palavras de desanimo.

O sr. Eduardo Teixeira é de uma extrema infelicidade em todos os trabalhos que enviou, desde o assumpto «Á espera do quadro», que tambem se poderia denominar «A espera da esportula», até ao retrato de uma senhora idosa.

Finalmente, em todo este grupo de artistas, sobresahe até melhor do que alguns d'elles, Xavier Pinheiro, o pintor-amador mais habil e intelligente de quantos conheço. As suas paizagens tendem quasi todas para as impressões crepusculares e Xavier Pinheiro trata-as com paixão e mesmo com certa originalidade. A «Manhã nas margens do Certoma», por exemplo, é um quadro de merito. «Velha lancha na praia de Buarcos», em um genero diverso, merece tambem assignalar-se pelas manchas alegres que aviventam a scena.

Nas outras secções da exposição, temos a referir as aguarellas da academica de merito a sr.ª D. Francisca de Almeida Furtado, e duas outras aguarellas bellissimas, do mallogrado pintor Henrique Pouzão.

Em esculptura ha um gracioso bustosinho, em marmore, de Antonio Teixeira Lopes, um busto (retrato) bem modellado, de Serafim de Souza Neves, um dos melhores discipulos de Soares dos Reis, e alguns trabalhos de Francisco Couceiro, em que se revela habilidade, mas uma pessima orientação artistica, porque a sua modellação é secca e desgraciosa, exagerada nos detalhes, como se vê, por exemplo na cabeça de velha que se intitula «setenta primaveras», e em que tudo é mesquinho. É realmente pena que este artista siga um caminho tão mau.

E aqui terminamos a nossa revista.

As vendas este anno não foram muito animadoras, o que não admira pela epoca em que a exposição se realisou. A catastrophe do theatro Baquet preoccupava todos os espiritos e sangrava todas as bolsas. Assim, até a concorrencia foi menor do que o anno passado.

Porto, abril.

Manuel M. Rodrigues.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

IV

Logo na manhã d'esse mesmo dia memoravel começou a haver um reboliço desusado no terceiro andar que, como já dissemos, a familia Leitão occupava n'um predio da Praça da Alegria de baixo.

A menina Ignacinha, a festejada, mal abriu os olhos n'essa manhã, encontrou logo um par de agradaveis surprezas á cabeceira da sua cama de ferro, de donzella.

Sobre o seu travesseiro, á direita, estava um enorme montão de papoulas escarlates e de espigas de trigo amarellas como gemas d'ovos de gallinha sustentada só a milho; á esquerda estava uma especie de grande gaiola de arame.

Nos labios de Ignacinha adejou um sorriso de felicidade e, antes de tratar de se vestir, examinou, enlevada, esses dois mimos, que seus estremosos paes ali tinham posto.

As papoulas e as espigas eram um grande chapeu de palha, desabado, que Ignacinha namorára muitas tardes na *montre* da loja de modas do sr. José Soares, ao Pote das Almas, esquina da rua do Crucifixo. A gaiola de arame, que principalmente chamou a sua attenção e que a encheu de alegria, era uma crinoline, uma saia balão!

Ha que tempos que a Ignacinha suspirava por essa saia balão, que era então o requinte da moda lisboeta.

Mas sua mãe, a severa e redonda sr.ª D. Eustachia opposera-se sempre a que seu pae lh'a comprasse, allegando que tambem ella, e era mais velha, e era sua mãe, não usava balão.

—Deixa comprar o balão para a pequena, deixa fazer-lhe a vontade, insistira uma vez seu marido.

—Não deixo não senhor, tornára intransigente a D. Eustachia; ainda eu não o comprei para mim.

—Mas é que tu, menina, não precisas comprar balão, tens balão natural, allegára o sr. Leitão com muito bom senso, alludindo graciosamente ás amplas fórmas rotundas de sua esposa.

Ella porém não gostou da graça, e fez ao balão da filha uma guerra de morte.

O Leitão calou-se muito bem calado e não insistiu mais.

Elle lá tinha a sua ideia, e na vespera dos annos da Ignacinha entrou pela casa dentro, trazendo triumphante, embrulhado em varias *Revoluções de Setembro*, essa crinoline que tão ardentemente combatida fôra por sua espoza.

A sr.ª D. Eustachia curvou a cabeça, deu-se por vencida.

Era presente d'annos, não tinha nada que dizer.

E foi assim, graças ao seu anniversario natalicio, que a Ignacinha realisou o seu ideal tão longamente acariciado de usar saia-balão.

Vestiu-se n'um pulo, adornando-se logo com o querido presente do seu pae, e foi a correr ao quarto d'elle, agradecer-lhe a elle o balão e á mãe o chapeu de papoulas.

Quando porém atravessava os corredores, a criada que andava a pôr a mesa para o almoço, ficou tão surprehendida, tão assustada ao vel-a, que de medo e espanto deixou cahir no chão o bule de chá verde.

—Credo! o que é isto meu Deus! bradou ella aterrada, como se visse deante de si um lobishomem.

E ao mesmo tempo zaz, traz, catrapuz! o bule a escangalhar-se no sobrado do corredor.

Ao estrondo e ao grito compareceram logo no local do sinistro o sr. Leitão, a sr.ª D. Eustachia e o Manel Boiças, o aguadeiro da casa.

Indagaram o acontecido, e o Leitão descompoz a Rozaria, a creada, pelo seu desastrado terror, emquanto a sr.ª D. Eustachia o descompunha a elle, dando razão ao susto da creada, e tornando o balão responsavel pela quebra do bule e desperdicio do chá.

E effectivamente a D. Eustachia não deixava de ter razão, porque Rozaria tambem a tivera.

A Ignacinha enfiara-se dentro do balão sem ter saias nem vestido proprio para isso: a grande gaiola de arame fizera-lhe subir as saias até ao meio da perna e a Leitoasinha assim amanhada tinha o seu quê de imprevisto, de phantastico, parecia um *fetiche* de pretos selvagens, fazia lembrar um toureiro gigante picando um boi de dentro d'uma pipa.

Em quanto os paes ralhavam e a Rozaria se esconjurava, o Boiças ria desconjuntadamente com as suas ruidosas gargalhadas gallegas e a Ignacinha meio corrida com o effeito estranho e inesperado produzido pela sua nova elegancia, dava a todos uma roda de tolos.

No fim, attendendo a que se estava em dia de festas, o tumulto apazigou-se, a familia consolou-se como poude da perda do bule, concor-

RUINAS DO ANTIGO MOSTEIRO DE SANTA CLARA, EM COIMBRA

(Segundo photographia do photographo amador sr. Eduardo Coelho Junior)

dando até em que era de bom agouro em dia de annos entornar-se chá verde, porque o verde era esperança.

E o que resultou d'esse borborinho foi a menina Ignacia passar parte da manhã a deitar a baixo as bainhas das suas saias e a arranjar o seu vestido convenientemente, para n'essa noite poder apparecer ás visitas com o seu balão novo, sem ter muito o aspecto de bailarina.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Os premios de honra do «Salon». Reuniu no dia 31 de maio ultimo o jury do *Salon* de 1888 para conferir as medalhas de honra da actual exposição. Em pintura foi conferida a medalha ao pintor Detaille, pelo seu quadro *O Sonho*, um quadro magnifico que representa um troço de soldados, vencidos pela fadiga de marchas forçadas, e que estendido no chão, dorme reparadoramente; no ar passam as sombras dos soldados victoriosos dos grandes combates do passado. Comprehende-se bem a difficuldade e grande valor de uma composição d'estas que se torne digna de premio. Para que a medalha fosse conferida a Detaille, houveram duas votações, tendo sido votados na primeira Detaille com 56 votos e Constant com 67, como esta votação não deu maioria absoluta, procedeu-se á segunda votação, cujo resultado foi de 108 votos para Detaille e 96 para Constant. Este resultado final da votação foi calorosamente applaudido. Em gravura coube a medalha de honra a Hédouin que obteve 90 votos contra 60 que o sr. Jacquet Achille alcançou. Em esculptura ganhou a medalha o sr. Turcon por 98 votos, sendo depois d'este o mais votado o sr. Tony Noel. Turcon expoz um grupo em marmore representando *O cego e o paralytico*, o qual dizem ser uma maravilha.

Centenario da Universidade de Bolonha. A Universidade de Coimbra recebeu um convite da Universidade de Bolonha, para se fazer representar nas festas do seu oitavo centenario, que se realisam agora. Em virtude d'este convite, foi encarregado de representar a Universidade de Coimbra o sr. conselheiro Mathias de Carvalho, ministro portuguez junto do rei de Italia, e o sr. Ezequiel Prego, secretario da legação portugueza.

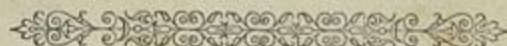
Hospitaes para alienados em Portugal. Foi apresentado ás camaras o seguinte projecto de lei: Fica o governo auctorisado a construir e mobilar: um hospital para 600 alienados dos dois sexos, em Lisboa, com condições especiaes para o ensino da clinica psichiatrica; um hospital para 300 alienados dos dois sexos, em Coimbra; um hospital para 200 alienados dos dois sexos, na ilha de S. Miguel; e um asylo para 200 idiotas, epilepticos e dementes inoffensivos dos dois sexos, no Porto. O hospital de Rilhafolles será convertido em asilo para 300 idiotas, epilepticos e dementes inoffensivos, dos dois sexos. Para occorrer ás despezas proveniente da fundação dos novos estabelecimentos, é creada uma receita com o titulo de «benificencia publica dos alienados», á qual serão applicados: um imposto de sêllo entre 500 e 6$000 sobre breves de licenças para casamentos, passaportes, diplomas de titulos de nobreza, licenças para casa de penhores, orçamentos de irmandades e confrarias, e associações; 20 por cento do imposto do sello sobre loterias estrangeiras; os valores apprehendidos nas casas de jogos prohibidos; metade dos bens dos conventos supprimidos; a terça parte do producto do trabalho dos presos. Fica tambem auctorisado o governo a levantar as sommas necessarias para o primeiro estabelecimento creado em Lisboa, cuja fundação está calculada em 600 contos, além de 73 para a mobilia, etc. A fundação do hospital de Coimbra custará 210 contos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Luzitania e da Iberia *desde os tempos primitivos ao estabelecimento definitivo do dominio romano, parte fundada em documentos até ao presente indecifraveis*, por João Bonança. Está publicado o fasciculo 8 d'esta obra, a mais importante que hoje produz a imprensa portugueza. Assigna-se por fasciculos de 32 pag. pagos no acto da entrega, em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes, 400 réis cada um; cada volume pago adiantado, 6$000 reis; a obra completa 17$000 réis. Toda a correspondencia á Empreza da Historia da Luzitania e da Iberia, Rua Ivens, 41, Lisboa.

Cintra, Collares e seus arredores, *edição adornada com muitas gravuras*, escripto pelo distincto collaborador do *Occidente* e nosso amigo o sr. Silva Pereira e editado pelo sr. J. A. Rodrigues Fernandes, Lisboa, 1888. Quem hoje visitar Cintra e seus arredores já não póde notar a falta de um guia portuguez, elegante e elucidativo, que substitua o cicerone pouco aceiado e ainda menos intelligente, o boçal burriqueiro; já tem um livrinho que o acompanhe, que lhe indique os pontos mais importantes que deve visitar, e lhe conto a sua historia resumida, e tudo isto por 200 réis, tendo a vantagem de guardar o seu guia na algibeira e trazel-o para casa como uma recordação d'aquelle pequeno paraizo.

A Moda, *publicação trimensal illustrada com figurinos em phototypia e offerecida aos consumidores revendedores da Real e Imperial Chapelaria a vapor de Costa Braga & Filhos etc.* Figurinos para a estação de verão muito elegantes.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa